1.º anno — Lisboa, 13 de outubro de 1884 — Numero 16

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Sopra rijo o vento das bandas do nordeste; as folhas amarellecidas do arvoredo vão cahindo uma a uma no solo humido, onde se contorcem como agonisantes; navens rendilhadas, de côr pardacenta ensombram o ceu, predispondo os espiritos á mais sensaborona das melancolias.

No campo, os *touristes* preparam já as suas malas, e pensam no regresso ao conforto dos penates, considerando muito bem que é desagradabilissimo e insupportavel arriscar-se a gente fóra de casa, quando o ceu despede aguaceiros gelados e o vento geme tristes nenias doloridas.

Depois, os amigos já principiaram a debandar, com rumo feito ao Chiado. A mulher amada fechou docemente o livro d'amor, que começava a folhear-se em delicioso *tête-à-tête sub tegmine fagi*, e a nostalgia do *sweet-home* vae-se convertendo, para os mais enthusiasticos admiradores das bellezas campezinas, n'uma doença cruel, que demanda remedio immediato.

Uns suspiram pela sua bella *causeuse* confortavel, do gabinete azul, onde costumam saborear á tarde, mollemente reclinados, o café aromatico; outros teem saudades das suas chinellas; muitos, emfim, não podem passar sem os seus *bibelots*, sem umas pequeninas bagatellas que lhes despertam recordações tristes ou alegres.

E' por isso que Cintra se despovoa; que das praias vão fugindo, pouco a pouco, os ultimos retardatarios.

Mas ha ainda outras razões que determinam este rapido regresso.

A PRIMEIRA MAÇÃ (Quadro de George Jacobides)

Estamos a cinco ou seis dias de distancia da Judic, d'aquella endiabrada e gaiata Judic, que fascina com o olhar e desvaira com a voz petulante.

No theatro da Trindade vai uma azafama vertiginosa para acolher a diva com a grandeza e os respeitos que lhe são devidos.

As coristas de formosura menos correcta afindam-se pelos processos chimicos mais em voga: o bom do *José Rapaz* trata de preparar confortavelmente o camarim da *estrella*, imprimindo-lhe todos os arrebiques e attractivos de um *boudoir* de noiva: Freitas Gazul compõe hymnos festivaes, com lettra de Francisco Palha, em honra do famoso astro: Queiroz, já livre de calculos na bexiga, *calcula* o melhor modo de fazer *bex ga* n'uma recita do *Boccacio* offerecida á grande interprete da *Niniche;* Leoni desempoeira cuidadosamente toda a bagagem de francez, que ha muito tempo tinha guardada entre os papeis velhos: e ellas, as divas do theatro bem fadado, dão a ultima demão nas suas apparatosas *toilettes* de festa, cortadas segundo as prescripções do figurino pariziense mais recente.

Uma verdadeira faina movimentada e barulhenta, como ha muito se não vê por cá!

Entretanto, a bella Judic vae estonteando os madrilenos no theatro da *Zarzuella*.

De manhã passeia a sua belleza prodiga de feitiços nos jardins do *Buen Retiro;* á tarde assiste ás toiradas sanguinolentas, applaudindo phreneticamente os *diestros* da quadrilha, e á noite, por entre os *couplets* bregeiros da *Mamz'elle Nitouche*, endoidece os nossos visinhos com meia duzia de *peteneras—sal y pimienta—* aprendidas nos ocios do lazareto d'Irun.

Imagine-se a doida vertigem dos madrilenos enthusiasmados, quando a loira Judic, de mão no quadril, e meneio estonteador de andaluza, imprimiu á platéa boquiaberta o choque electrico d'esta formosa canção hespanhola:

Dos besos tengo en el alma
que no se apartan de mi:
el ultimo de mi madre,
y el primero que te di.

Calcule-se o que não seria de bravos e de *hurrahs*, e de *viva la gracia*, provocados por esta gentilissima surpreza!

Uma coisa, porém, desagrada aos madrilenos,—uma só—no meio do seu doido enthusiasmo, sendo para sentir que esse desagrado venha reflectir-se entre nós. Judic traz comsigo, na bagagem, muito bem acondicionado, com a legenda «*Fragile*» escripta por fóra, um redactor do *Figaro*, uma especie de indispensavel para os entretenimentos do caminho de ferro e da alcova dos hoteis caros

As grandes artistas não podem viajar sem estes appendices: é caso averiguado.

Sarah Bernhardt trouxe na mala o seu bello grego, Jacques Damala, que, tempos depois, dispensou cruelmente das variadissimas funcções d'indispensavel.

Marini fazia-se acompanhar d'um marido authentico, bruto como um selvagem, e grosseiro como um lacaio da peior estofa.

A estrella mais brilhante da *troupe* da Chaumont illuminava com as scintillações ardentes do seu olhar o loiro emprezario Schurmann.

A Pasqua recem-casada sentiu em Lisboa a nostalgia lethal do feliz Giacomelli, e chamou-o para junto de si, n'um telegramma apaixonado.

A De Reszké, se não trouxe na *valise* editores responsaveis da mesma laia, veiu escoltada por dois irmãos ferozes.

A Borghi e a Ritter escudavam-se com as egides maternas contra as tentações diabolicas.

A Mantelli faz-se guardar á vista por um pae tyranno e intransigente.

Bianca Donadio acompanha-se, em todas as *tournées* artisticas, por um emprezario meticuloso, que não a deixa pôr pé em ramo verde.

Agora, até a Judic recorre ao expediente de trazer na bagagem um companheiro inseparavel, um argus ciumento, capaz de responder por ella, aos galanteios de Portugal e Hespanha, com alguma feia imprecação gauleza, um redactor do *Figaro*, que ámanhã, finda a passeiata pela peninsula iberica, dirá de nós e dos nossos visinhos, nas columnas do seu jornal, as coisas menos lisongeiras.

E atrevem-se ainda a abocanhar a virtude das nossas actrizes! Essas, ao menos, viajam sósinhas, coitadas, conduzindo nas suas malas banaes a roupa branca ainda mais banal de quem não anda affeita a uns *tête-à-tête* romanescos pelos coupés-leitos dos caminhos de ferro e pelos aposentos atapetados dos grandes hoteis.

Verdade seja que ellas não são Judics, mas emfim . .

=Depois da Judic, para não termos tempo de sentir penas dolorosas, abre S. Carlos com o ***Roi de Lahore***.

Já por lá vae, tambem, uma azafama indiscriptivel. Os scenographos esboçam arvoredos espessos, campos floridos, ceus limpidos e claros. Valdez, em honra da esthetica, trata de jubilar algumas coripheas já macrobias, substituindo-as por outras que não offendam a vista á gente. No *atelier* do guarda-roupa faz-se um estendal de veludos caros, rendas finas e oiro de lei. Talham-se costumes á Luiz XV; copiam-se, em setim e seda, os figurinos da edade media: limpam-se as alabardas que serviram na ultima campanha: desenferrujam-se os punhaes dos anabaptistas do *Propheta*: prepara-se a rocca da Margarida do *Fausto*: põe-se á mão a couraça da sombra do rei do *Hamlet*, e doura-se de novo a legenda do palacio da *Lucrecia*.

Depois, n'um horisonte proximo, tres operas novas, nem menos de tres:—a *Herodiade*, de Massenet, regida por elle mesmo na *première*, *Le Nozze di Figaro*, de Mozart, *La Derelitta*, do visconde do Arneiro. . . E a estreia do Guille cantando o *Guilherme Tell* em italiano, e a Sembrich na *Luccia*, e a Medea Borelli na *Herodiade*, e a Carolina Salla, e a Dalti, e a Copea, e tantas outras celebridades *di cartello* a prometterem nos uma quadra lyrica cheia de attractivos. . .

Viu-se lá uma coisa assim?

São capazes de vir dizer-me que não ha dinheiro que chegue para tantas tentações.

Velhas historias!

Ha sempre dinheiro para isto. Elimina-se uma entrada nos *menus* do jantar caseiro, e. . . vivam as Judics e *hurrah* pelas Copeas!

C. DANTAS.

LENDAS DE SANTOS NA RUSSIA

Os numerosos livros de viagens que hoje se publicam têem tornado conhecidos de todos os mais diversos paizes. Teem-se estudado minuciosamente os costumes e as lendas de variados povos, e esse estudo tem conduzido todos os espiritos á convicção de que em toda a parte a humanidade é a mesma, que são absolutamente semelhantes ás concepções do seu espirito, e que o habitante das steppes geladas da Pequena Russia, da mesma forma que o habitante das aridas charnecas do Alemtejo emprega exactamente os mesmos processos de espirito nas suas lendas e nas suas crenças.

O nosso povo foi sempre grande adorador dos santos, e consagrou-lhes sempre um culto mais ardente do que ao proprio Deus. Isso não impede, comtudo, que os trate com a mais desrespeitosa familiaridade, e que os faça figurar em historias e lendas em que muitas vezes não fazem a mais brilhante figura. A familiaridade não exclue a devoção, e S. Pedro, pelo facto de ter sido embaçado pelos soldados dos contos populares, não deixou de ter os seus altares, o seu culto e os seus devotos.

Acontece o mesmo na Russia. A adoração supersticiosa dos santos vai o mais longe que pode ir. As suas reliquias, as suas imagens, as suas medalhas attrahem chusmas de peregrinos, recebem offertas valiosissimas, ou vendem-se aos milhares, e comtudo, os contos com que o povo se entretem á noite, e de muitos dos quaes nos dá noticia Victor Tissot, no seu delicioso livro *La Russie et les Russes*, são no genero, por exemplo, da *Lenda da aguardente:*

Um dia Nosso Senhor estava muito socegado na varanda do ceu, a tomar o fresco, quando principiou a tossir desesperadamente com um fumo espesso que vinha da terra. Olhou e viu que os homens estavam occupados a distillar uma coisa qualquer n'um immenso alambique. Chamou S. Pedro e disse lhe que fosse immediatamente ver á terra o que estavam os homens a fazer.

S. Pedro foi, e, como chegasse á terra fatigado da viagem que não deixa de ser comprida, estava com uma sede de matar. O sujeito que dirigia a fabricação offereceu-lhe amavelmente um copo de agua. S. Pedro deitou-o abaixo de um trago, e achou bom. Pediu outro. Deram-lh'o. Pediu terceiro e quarto e quinto, até que afinal se estirou no meio do chão, resonando como um bemaventurado que era.

Estranhou-se no ceu a demora do porteiro, e Deus Nosso Senhor, depois de passeiar para um lado e para o outro, achando já exquisito o caso, chamou S. Paulo, e disse lhe:

—Fazes favor de ir ver á terra o que succedeu a S. Pedro? Estou com receio de que lhe tivesse esquecido a chave do trinque, e que o nosso pobre amigo não saiba já como ha de entrar no ceu.

Foi S. Paulo, e aconteceu-lhe o mesmo que ao collega. Ao quinto copo estava tambem deitado ao comprido, e fazia, com o seu companheiro de apostolado, um dueto de roncos muito mais harmonico do que as doutrinas que prégavam, emquanto apostolos.

A inesperada demora de S. Paulo ainda mais inquietou o Deus Padre Todo Poderoso, que resolveu empregar a força publica, e por isso encarregou S. Jorge de ir buscar os ausentes.

S. Jorge cingiu a espada, montou o seu cavallo de batalha, e foi até á terra. Mas, acautellado já, pescou que o homem do alambique tinha cauda, e não podia ser, portanto, senão Satanaz em pessoa. Com uma cutilada bem applicada cortou-lhe cercea a cauda, e o diabo ao gritos deitou a fugir. Então S. Pedro e S. Paulo acordaram, e um pouco envergonhados do que lhes succedera, voltaram para o ceu na companhia de S. Jorge.

Por isso a aguardente, não tendo podido ser fabricada toda pelo diabo, não ficou sendo um licor tanto de perdição como seria sem a intervenção de S. Jorge.

N'outro conto não entram directamente os santos, mas figuram padres e sacristães como exploradores dos santos, cujo culto lhes está confiado:

Um diacono tem a idéa de apanhar dinheiro a uma viuva devota, fingindo-se S. Nicolau. Põe a capa e a mitra do santo, protector e padroeiro de todas as Russias, e vae ter com a beata.

Mas o sacristão pescou a mascarada, e adivinhou o fim que ella tinha. Assim como o diacono se mascarára de S. Nicolau, mascarou-se elle de S. Pedro. Poz umas barbas de canhamo, pegou n'uma chave enferrujada, e elle aqui vae atraz do diacono.

Entra gravemente, e pergunta a S. Nicolau, muito espantado da apparição:

—Quem és tu?

—Eu sou S. Nicolau.

—S. Nicolau! E como é que tu sahiste do ceu, sem licença, tendo eu fechado cuidadosamente a porta, e tendo dado duas voltas á chave?

—Como sahi? redarguiu S. Nicolau atrapalhado. Sahi pela janella.

Tal qual, segundo se vê, como os soldados de lanceiros.

—Ah! patife! exclamou S. Pedro. Tu não sabes que eu é que sou responsavel por estas coisas, que, quando vocês se escapam assim, eu é que apanho as descomposturas? Já para o céu, sô maroto, já para o ceu, e não se me faça fino!

E, como S. Pedro acompanhava esta advertencia arrumando com a chave nas costas de S. Nicolau, o pobre santo deitou a fugir, perseguido por S. Pedro, elle de mitra á zamparina, S. Pedro de tunica arregaçada, e assim foram até ao pé da egreja. Então o sacristão eclipsou-se, e o diacono, moido de pancadas, jurou nunca mais fazer o papel de S. Nicolau.

N'outro conto é o proprio S. Nicolau que é embaçado por um cavalleiro manhoso.

Atravessava o cavalleiro uma floresta. Cahiam raios e coriscos; a trovoada era medonha.

—Meu bom S. Nicolau, exclamou o cavalleiro, se me salvares d'esta, prometto dar-te em cera o preço por que eu vender na feira o meu cavallo.

S. Nicolau deitou o luzio lá do céu, consultou sobre o caso o seu collega S. Jorge, mais perito em coisas hippicas, e viu que o cavallo era excellente, e devia custar bom dinheiro. Interveiu por conseguinte salvando o cavalleiro, que chegou a casa sem novidade.

No dia seguinte o homem tratou de cumprir a promessa. Partiu para a feira com o cavallo á redea e um gallo debaixo do braço.

—Quem quer comprar este cavallo, e este gallo? berrava elle. Adviro-lhes que os não vendo separados, e quero pelo meu gallo duzentos rublos e pelo cavallo trinta kopecks.

Duzentos rublos equivalem pouco mais ou menos a 100$000 réis, e trinta kopecks a 270 réis.

Não tardou a apparecer um freguez para esse singular negocio. O cavalleiro metteu na algibeira os 100$000 réis, e foi comprar 270 réis de vellas de cera, que accendeu diante do altar de S. Nicolau, cumprindo á letra a promessa que fizera.

E assim foi embaçado S. Nicolau.

Ouvindo estas historias, não nos parece que estamos escutando uns contos populares, com que as nossas amas nos entretiveram, e que fazem rir perdidamente os aldeãos, que por isso não deixam de ser as mais devotas creaturas d'este mundo?

PINHEIRO CHAGAS.

HISTORIA VERDADEIRA

Se eu lhe fizesse a côrte, ou se eu agora
Lhe quizesse dizer, minha senhora,
Um dito, um galanteio;
Não lhe chamava perola mimosa,
Nem lhe fazia versos côr de rosa
Em namorado enleio.

Nem tão pouco, senhora, a comparava
Ao branco lyrio, aos jasmins de Java,
Aos raios do luar,
Ou á flor virginal da laranjeira,
Que nas manhãs da primavera esteira
As ruas do pomar.

Não lhe exaltava os olhos orientaes,
As delicadas mãos esculpturaes,
O malicioso pé;
Não iria roubar quentes bellezas,
Ás sensuaes, romanticas marquezas
Dos versos de Musset.

Repetia-lhe apenas n'esse instante
O lisongeiro dito, archi galante
Do velho alabardeiro,

Que uma vez... O melhor é começar;
E se me ouvis attenta vou contar
A historia por inteiro.

E n'um museu. Avultam as brancuras
De formosas antigas esculturas
Nos altos pedestaes,
Chove do tecto a luz suave e morna,
Que n'um banho macio lhes contorna
As formas geniaes.

Deslumbram nas extensas galerias
As plasticas reaes, anatomias
Da Grecia creadora.
Aqui, vê-se n'um extasi adoravel
A belleza dogmatica, immutavel,
Da Venus vencedora.

Despe-lhe as fórmas tumidas, redondas,
Cahindo-lhe revolto em largas ondas,
O manto desprendido;
E n'esse corpo musical, severo,
Brilha um poema hellenico de Homero,
Eternamente lido.

Além, uma Diana caçadora
A tunica arregaça encantadora
N'um infantil meneio.
Adiante, Bacho ao peito de Sileno,
E de Pallas um vulto alvo e sereno
Com a egide no seio.

Olhando em volta a multidão divina,
Olympica, marmorea, alabastrina,
A multidão pagan,
Parece-nos que assim eternamente,
Aquelles deuses ouvem docemente
Um cantico de Pan.

Deixando a galeria Na sahida,
Onde se une a escada bipartida
N'um vasto patamar,
Destaca-se aprumado um velho guarda,
Empunhando tranquillo uma alabarda,
Grande, semi-lunar.

Tem o soberbo aspecto das figuras
Da meia edade. As velhas armaduras
Deviam-lhe servir;
A barba innovellada, a pelle rugosa,
Uma indifferença altiva e desdenhosa,
Nostalgico o sorrir.

Pois, um dia, contaram-me que vendo
Uma linda mulher, que ia descendo,
O velho estremeceu,
E prendendo-a ao largo peristillo:
«Não vos deixo fugir, Venus de Milo!
Fugir d'este museu.»

Acaba aqui a historia. Se eu agora
Lhe quizer dirigir, minha senhora,
Um dito lisongeiro,
Repetirei apenas n'este instante
Que lhe diria o mesmo que o galante
E velho alabardeiro.

CONDE DE ARUGOSA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRIMEIRA MAÇÃ

Lá está ella, a Eva pequena, a tentar aquelle Adão de dois annos.

Ora, se o teu irmãosinho, esse garoto de cabellos loiros, se engasgar, o que farás tu, pequerrucha inconsciente?

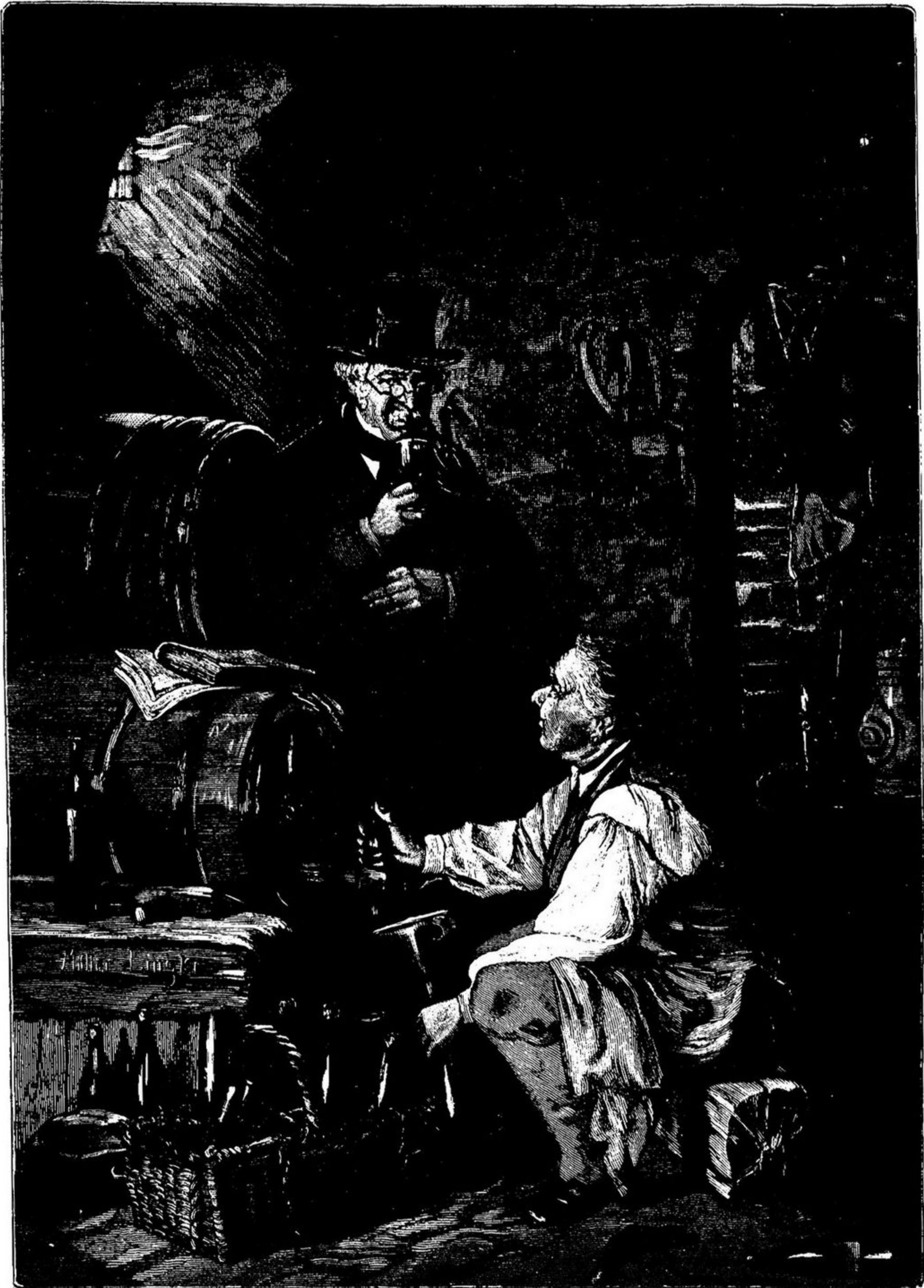
A mãe, cheia de medo do microbio, prohibiu-lhe que désse frutas ao *bébé*; ella então, a ladina, foi logo buscar a maçã perigosa, e ministrando-lhe o pomo vedado, poz-se a rir, muito satisfeita de si.

Come, meu rapazinho, come, e aprende a não te deixares engasgar pelas maçãs tentadoras que outras Evas espartilhadas te darão mais tarde!

PROVA DE VINHOS

Não me parece que tenha cara de provador. Aquillo dá-se assim uns ares de critico, para apanhar ao compadre alguns decilitros do fino: e o compadre, um bom velhote, abriu-lhe a torneira, com aquelle orgulho de pae, que se lhe vê no olhar interrogador.

E' já, talvez, o quarto barril; e o homemsinho, sempre sério, prova e nunca reprova as pingas do velho.

D'aqui a pouco estará um tanto *pingado*, e irá espairecer lá fóra, ao sol do outono.

PROVA DE VINHOS (Quadro de Müller-Lingke)

QUEM ACERTA MELHOR?

(Quadro de Alberto De Vrienpt)

UM ESTROINA INCIPIENTE (Quadro de Jan Verhaz)

UM ESTROINA INCIPIENTE

Um traquinas que ainda não saberá ler por cima, e que já se atira ao plano inclinado das sensações que Noé experimentou primeiro.

Certo dia, depois do jantar, descobriu no olhar da mãe—uma rapariga morena e robusta—não sei que brilho estranho, produzido pelo *Champagne*, e vae elle, quiz provar o nectar maravilhoso. Provou e gostou.

Esvaziada a taça, sentiu um calor grande nas veias e uma alegria inexplicavel. Julgou-se um homem, e d'ali em diante, aproveitava os restos dos copos, e roubava, tambem, o seu charuto, que ia fumar ás escondidas.

Uma orgia pequenina, que elle saboreia a sós!

Que estroina!

QUEM ACERTA MELHOR?

E' uma pergunta a que não sei responder.

Com as bolas é possivel que seja elle, que está mais perto: com o olhar acertam ellas, seguramente. Podéra! E' só descerrar as palpebras, deixar cair *una mirada* apenas, e fica logo ferido o alvo.

Não me convidem para duellos d'esta ordem. Perderia, de certo, embora ganhasse, perdendo.

N'este caso nada d'isso se dá. Ellas são formosas, elegantes e estão enthusiasmadas com o jogo: não pensam sequer no idiota que teem por adversario.

Vejam que cara aquella! Uma nota discordante n'um meio tão harmonico! Um pingo de gelo ao lado de tres vulcões!

CONVENTO DA SERRA DO PILAR

Imminente ao rio Douro, e dominando Villa Nova de Gaya, vê-se um monte coroado por uma egreja e um convento: é a serra do Pilar, cujo nome ficou memoravel nos fastos portuguezes, depois do famoso cerco do Porto.

Nos dias 8, 9 e 10 de setembro de 1832, feriram-se ali sanguinolentos combates, praticando os liberaes actos de verdadeiro valor e abnegação. As proprias mulheres tomaram parte nas pelejas, ministrando cuidados aos feridos e munições aos soldados.

Foi no primeiro d'esses dias que o marquez de Sá, no alto da Bandeira, foi ferido por uma bala de mosquetaria no braço direito, que depois lhe foi cortado.

E no dia 14 de outubro d'esse mesmo anno, pelas duas horas da tarde, depois de um bombardeamento de trinta e tres horas, em que as tropas do usurpador dispararam mais de tres mil tiros de artilheria contra a serra, em que os liberaes estavam entrincheirados, seis vezes os assaltantes se lançaram com valor aos parapeitos e seis vezes encontraram uma resistencia superior á obstinação do ataque; até que, perto da noite, se retiraram perdendo oitocentos homens, e os da serra sessenta e nove entre mortos e feridos. Foi a mais memoravel e a mais encarniçada das batalhas que se pelejaram em torno do convento da serra do Pilar.

Durante a guerra da Maria da Fonte, em 1846, esta serra mostrou-se terrivel pelas suas bem construidas fortificações, muito mais augmentadas e guarnecidas do que no cerco do Porto.

A cidade do Porto offerece um lindo e variado panorama, vista d'aquella elevação.

O convento teve a seguinte origem:

No anno de 912, dois clerigos descendentes de uma familia nobre, estabeleceram uma especie de communidade regular em uma pequena egreja que fundaram a 10 kilometros de distancia do Porto, e que veiu a ser o mosteiro de conegos regrantes do titulo de S. Salvador de Grijó.

Mais tarde, o prior mór d'este mosteiro, D. Bento de Abrantes, vendo que a casa estava arruinada, pediu a el-rei D. João III para o mudar para o monte de S. Nicolau.

Obtida a licença para isso, esse prelado, á custa das rendas da casa de Grijó, comprou o chão para a nova fundação.

A 28 de março de 1538, dia de Santo Agostinho, lançou o bispo D. Balthazar Limpo a primeira pedra do templo.

S. Salvador foi o primeiro orador da nova casa; mas como alguns conegos velhos preferissem a antiga morada, e alcançassem, de Pio V, breve de separação, ficou Grijó sob essa invocação e o novo convento intitulou-se de Santo Agostinho.

Em 1 98 o prior D. Acursio mandou construir a egreja de forma circular, cercada interiormente de capellas; e edificou uma famosa claustrada, toda de abobada, sobre columnatas, tendo no centro uma copiosa fonte.

Em 1678 foi collocada no altar mór da egreja uma imagem de Nossa Senhora do Pilar, e o convento mudou de invocação.

UM CONSELHO POR SEMANA

O sabonete de glycerina, que nós vemos ahi tão decantado nos reclamos dos p erfumistas, não existe: a operação chimica conhecida pelo nome de *sabonificação* separa a glycerina do corpo gorduroso empregado no fabrico dos sabonetes.

É facilimo obter-se, por preço modico, um excellente sabonete de *toilette*.

Para isso, toma-se 500 grammas de sabão de Marselha, corta-se em pequenos pedaços e cobrem-se estes com algumas colheres d'aguardente.

Derrete-se o todo a banho-maria, e deixa-se assentar o liquido resultante.

Ao cabo d'alguns dias ter-se-ha obtido um sabonete transparente; puro e inodoro.

Podemos juntar-lhe um perfume qualquer, á nossa escolha, fazendo-o derreter de novo a um calor brando.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

PEDANTE.—Beira.—Não podemos tomar os seus versos senão como um desabafo *inter amicos*.

Quer um conselho? esqueça-se de que os fez. Atire com a responsabilidade dos decasyllabos errados para o *Porto* e para o *Cognac*. Ficará tudo em santa paz, e nós tambem.

J. D. V.—Famalicão.—Com bem magoa nossa, não pode ser.

PLAUTO.—Ainda não chegou á craveira. A sua *Musica* é antiga e pouco harmonica.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica, na Asia e no quartel—1—2.

Ribaldeira. J. L. NATARIO.

Aqui este vaso abafa—1—2.

Este homem foi baptisado na egreja—1—2.

O filho do rei zombava do exercito—3—2.

Além, aquella mulher é um animal—2—3.

Ribaldeira. J. BERNARDES JUNIOR.

N'este repouso é animal variavel—2—2.

A peleja pode matar quem peleja—2—1. CUNHAS.

Este tecido caminha para esta cidade—1—2.

Esta vestidura chama a juizo e persuade—2—2.

Esta interjeição e este rio é planta—1—1.

Cartaxo. T. R.

EM VERSO

(Ao ex.mo sr. Moraes de Almeida)

Constellação
Zodiacal—2
Com uma cor
Muito uzual—2

Procure o todo
Na zoologia.
É mui feroz.
Quem tal diria!

Lisboa. I. M MOREIRA.

Faz parte do alphabeto—1
E da musica tambem:—1
Nome proprio de mulher,—2
De mulher, repara bem.

Reguengos. J. A. MARQUES.

ELECTRICAS

Ás direitas instrumento, e ás avéssas cheiro—2.

Ás direitas cidade, e ás avéssas affecto—2.

Alcacer. F.

Ás direitas uma villa, e ás avéssas perfumes—3.

Ribaldeira. JACINTHO L. NATARIO.

Ás direitas nome proprio, e ás avésssas só se vê de noite—2.

B. CRUZ.

CHARADA-SONETO

Eu vivo porque existes! E se a morte
Um dia te roubar a existencia
Soltando do teu corpo a *fina essencia*,
Quizera ter tambem a mesma sorte—2

Prefiro ver-te *assim* minha consorte;
Cingir-te nos meus braços com vehemencia
E sentir dos teus labios essa ardencia
Que me torna feliz e me faz forte.—2

Sejamos pois ditosos! Quando o sol
S'esconder no horisonte, e o rouxinol
Soltar trinos da voz tão argentina.

Lembremos esse amor sempre constante:
Eu serei para ti qual *este amante*,
Tu serás para mim outra Rosina.

VAMPIRO.

ADIVINHA POPULAR

Eu nasci dentro d'um berço
Que ninguem tocar ousava:
Aquelle que lhe mexia
A pôr-lhe a mão não tornava.

Nas cidades, villas e hortas
Quando me apanham crescida,
As mulheres ociosas
Commigo ganham a vida.

Tiram-me o fato, ando nua,
Na velhice ao tempo exposta,
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.

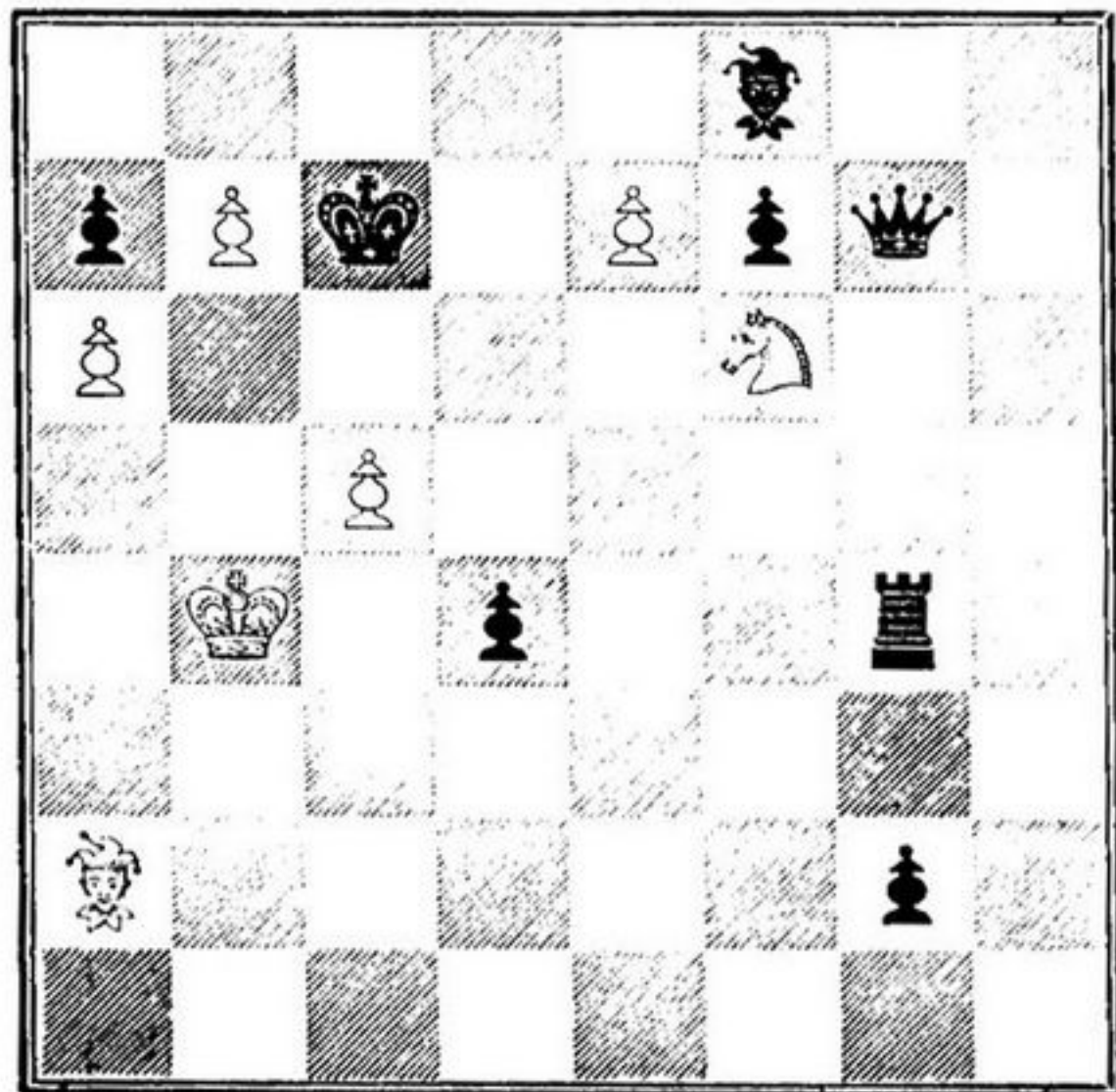
PROBLEMA

Pedro e Paulo vão ao encontro um do outro. Caminham uniformemente e com velocidades taes que o primeiro chega ao ponto d'onde parte o segundo quatro horas depois de se terem encontrado, e o segundo encontra o primeiro nove horas antes de ter chegado ao ponto d'onde parte o primeiro. Quanto tempo empregou cada um para fazer a sua viagem?

MORAES D'ALMEIDA

XADREZ

PROBLEMA N.º 13

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em tres movimentos.

LOGOGRIPHO

N'esta cidade d'Italia—1—7—3—5—2
Um sujeito, vi, potente,—3—4—6
Com uma fruta na mão—1—4—3—7
A correr mui diligente.—5—2—3

«Cá e lá, más fadas ha»
É proverbio conhecido,
Que tem aqui, podem crel-o,
Um logar mui bem cabido.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:
1.ª—Popular.
2.ª—Alfaia.
3.ª—Notario.
4.ª—Novella.
5.ª—Antemeridiano.
6.ª—Cajá.
7.ª—Pomar.
8.ª—Arminho.
9.ª—Mariano.
10.ª—Magnolia.
11.ª—Operario.
12.ª—Corsario.
13.ª—Ovo.
14.ª—Odo.
15.ª—Raza.
16.ª—Ara.
17.ª—Siri.
18.ª—Mamador.
19.ª—Anglomania.

Das perguntas enigmaticas:
1.ª—Aguadeiro.
2.ª—Guilherme.
3.ª—Victor.
4.ª—Franco.

Do logogripho:—Sola.

Das adivinhas populares:
1.ª—Sobrescripto.
2.ª—Mordedura d'uma pulga.
3.ª—Uma rabeca.

Xadrez—Solução do 12.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. D. 2 B. D. cheque.	1. R. 8 T. D.
2. D. toma B. cheque e mate.	

Do problema:—O menor systema é o formado pelos pesos de 1, 3, 9, 27 e 81 grammas.

A RIR

No bengaleiro d'um theatro:
—Dê cá o meu casaco.
—O seu numero?
—Deve estar n'uma das algibeiras. Guardei-o lá dentro para não o perder.

UM DOMINÓ.

OS PECEGOS

(JEANNE-THILDA)

Ellas eram encantadoras, com os seus rostos frescos e os seus cabellos frizados, cahidos em cima dos olhos, radiantes de alegria: quinze a vinte annos, todas cinco: corpetes, desenhando contornos de esculptura, e vestidos elegantissimos, modelando fórmas promettedoras.

Clara era a mais bonita, com a sua cintura delgada, o seu busto flexivel e os seus olhos negros, dardejando raios perturbadores: na alvura da cutis, a bocca resaltava como uma cereja madura; os cabellos, castanhos e russos, voavam caprichosamente em torno da fronte pura e branca como uma açucena.

Tinhamo-nos reunido, rapazes e raparigas, em casa de minha tia de Greysey, para assistirmos às vindimas; riamos e devastavamos o jardim e o pomar, desde pela manhã até á noite

Eu era o mais judicioso; acabava de completar vinte annos!

*

Clara, porém, fazia-me andar a cabeça á roda; escrevia versos, que lhe dedicava, e entregava-lh'os durante a cabra cega; ella res-

pondia-me em prosa, supplicando-me que fosse rasoavel e que não precipitasse os acontecimentos: era provavel que seu pae não consentisse no nosso casamento, visto eu estar ainda no collegio. Jurei ao meu idolo que havia de conquistar uma posição no menor espaço de tempo possivel: ella certificou-me que me esperaria.

Dois dias antes das vindimas, encontrei-me com Clara no pomar; só os dois, que jubilo! disse-lhe todas as ternuras imaginaveis, e ella abandonou-me a sua mão, que cobri de beijos.

De repente, Clara soltou uma exclamação.

—Oh! Frederico, que excellente pecego! Se nós o comessemos?

E indicava-me com o gesto um enorme pecego aveludado, um d'estes soberbos pecegos que figuram nos velhos quadros hollandezes.

Em menos de um segundo, colhi o pecego e offereci-lh'o. Ella comeu-o deliciosamente, cravando os seus dentinhos brancos na polpa do fructo, e desviando o corpo para preservar o vestido do succo que lhe escorria por entre os dedos. Agarrei-lhe nas pequeninas mãos carnudas, e ella sujou-me a bocca, córando e rindo.

Inesperadamente, uma phrase indignada vibrou ao nosso lado: voltámo-nos: Clara empallideceu; eu perdi o sangue frio e balbuciei palavras entrecortadas: o pae, o terrivel pae d'aquella que eu amava, travou-lhe do braço e com voz trovejante disse-lhe:

—A menina torna já hoje para o convento!

Depois, voltando-se para mim:

—Quanto ao senhor, vou immediatamente prevenir sua tia e contar-lhe as bonitas scenas que se passam em sua casa!

Implorei o inexoravel, diligenciei commovel-o, pedi-lhe a mão de Clara: não quiz attender nenhuma das minhas rasões: conforme me dissera, levou a filha n'essa mesma tarde, a despeito das lagrimas da minha querida Clara, que não tornei a ver antes da partida.

Minha tia, que tinha feito vista grossa, mas que difficilmente retinha o riso quando lhe fallavam do escandalo do pomar, reenviou-me para o collegio, chamando-me: «Faublas!»

Algum tempo depois, constou-me que Clara, tão infeliz como innocente, tinha sido arrastada ao altar e obrigada a desposar um abastado industrial, homem grosseiro e brutal.

Com a morte na alma, conclui os meus estudos e formei-me em direito.

*

A lembrança de Clara resvalou para o fundo do meu coração e ahi permaneceu. Durante muito tempo, vi-a, com os seus bonitos olhos fulgurantes e a sua figura esbelta, de uma ondulação voluptuosa. Essa recordação de creança era a poesia da minha vida, e eu aspirava-a como uma flôr murcha, usada por um ente querido e ausente; por vezes, humedeciam-se-me os olhos quando ouvia pronunciar o nome de Clara.

Os annos fugiam; decorreram vinte e cinco annos depois do idyllio do pomar; cedendo ás instigações da minha familia e dos meus amigos, pedi a mão de uma menina bonita e rica; chamava-se Emilia e assemelhava-se um pouco a Clara. O casamento fixou-se para d'ali a seis semanas.

Alguns dias depois, parti para Fontainebleau, chamado pelos encargos da minha profissão. Acabava de tomar logar em um wagon, quando vi entrar um ruidoso e burlesco casal: um homem, de aspecto plebeu, puchava por uma mulher enorme, que fazia esforços desesperados para conseguir transpôr o estribo.

O homem ria e gritava-lhe:

—Upa! upa!

A robusta matrona veiu cair pesadamente sobre as almofadas do wagon. Os seus cabellos grisalhos enquadravam uma cara de lua cheia, onde apenas se viam os olhos, enterrados no tecido adiposo; a gorducha ria, mostrando os dentes ainda brancos.

Continuei a ler o meu jornal, observando, a espaços, os grotescos conjuges.

No meio do caminho, a obesa matrona poz-se a comer pecegos; devorava-os avidamente, atirando os caroços pela janella.

Atravessou-me o espirito a recordação da amavel Clara; ella adorava os pecegos, a formosa creança!

Fui arrancado á minha meditação por uma retumbante gargalhada: a nutrida viajante olhava para mim, lançava exclamações e ria-se cada vez mais.

—E' possivel que o sr. Frederico não me conheça?

—Perdão, minha senhora, repliquei admirado, mas não tenho essa honra...

—Sou Clara, a Clarinha, com quem o senhor queria casar.

Um raio, cahindo no wagon, não me teria causado maior impressão: empallideci, perdi o sangue frio; julguei que o coração se me dissolvia no peito.

—Estou um pouco mudada, accrescentou ella, notando a minha perturbação, engordei muito, não lhe parece? Que quer, tenho cinco filhos; o tempo não passa de balde; apesar de tudo, como viu, continuo a gostar de pecegos.

A mulher e o marido riam ás gargalhadas. Acabavam de destruir o meu pobre sonho de mocidade, que fugia, batendo as azas, repellido pelo riso alvar d'esses dois grotescos.

O idyllio desmoronava-se, esmagado pelo ridiculo. Quiz amaldiçoar o destino, e a voz morreu-me na garganta.

Chegámos! Clara estendeu-me a mão, que apertei machinalmente; balbuciei algumas palavras, em resposta ao marido, que me convidou a ir caçar nas suas terras.

Entrei na primeira casa que se me deparou e pedi papel e penna. Escrevi ao pae da minha futura: não me recordo o que lhe disse; fallei-lhe, segundo presumo, da minha saude, da minha fortuna compromettida, da minha partida para Valparaiso, que sei eu? Conclui affirmando-lhe que o projectado casamento com a filha não podia realisar-se.

Emilia parecia-se com Clara! Vi-me, no futuro, içando para o caminho de ferro uma mulher enorme, a quem eu gritava:

—Upa! upa!

Ella comeria na minha presença pecegos, pecegos aveludados e aromaticos! Horror!

Se as mulheres soubessem, não envelheceriam nunca: inconscientemente, commettem um crime, destruindo as illusões do passado!

Esmeralda.

CONVENTO DA SERRA DO PILAR

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa